

Dissemina-se o uso de água residuais e de escoamento superficial (chuvas) para a recarga de aquíferos

by Luiz Prado - quinta-feira, julho 07, 2016

<http://www.luizprado.com.br/2016/07/07/dissemina-se-o-uso-de-agua-residuais-e-de-escoamento-superficial-chuvas-para-a-recarga-de-aquiferos/>

Dissemina-se o uso de águas residuais - depois de tratadas - e de água de chuva para a recarga de aquíferos subterrâneos, aumentando as disponibilidades e a segurança hídrica. Essa prática, velha conhecida em países como a [Alemanha](#) - onde é fonte de 2/3 do abastecimento público -, acaba de ser objeto de um estudo bastante amplo elaborado pela [Academia Nacional de Ciências dos EUA](#) - e publicado pela sua editora, encontrando-se [disponível para download gratuito](#) mediante uma inscrição simples que não requer mais do que o endereço eletrônico e uma senha (o campo com o uso a que se destina o download é facultativo).

Para os que interessam pelo assunto - segurança no abastecimento de água -, recomenda-se a leitura ao menos do Sumário Executivo e dos títulos dos capítulos.

Há anos, a Finep, com apoio da CEF e de outros órgãos, vem promovendo bons estudos sobre temas relacionados às [alternativas de reuso de esgotos sanitários para diversas finalidades econômicas](#), e já é tempo de estimular esse tipo de reuso, assegurados bons níveis de tratamento e desinfecção. Mas, além da linguagem e do formato excessivamente acadêmicos - tais documentos se iniciam com longas listas de nomes de autores -, até agora houve pouca ou nenhuma aplicação prática de suas conclusões. Ainda assim, já é hora de se considerar a recarga de aquíferos com águas de escoamento superficial - chuvas - como algo mais sério para aumentar a segurança hídrica, ao mesmo tempo que evita ou reduz enchentes e a subsidência dos solos urbanos, com seus elevados custos para a infraestrutura (como já se pode observar na região metropolitana de São Paulo).

No Brasil, o setor público caminha lentamente - quando caminha - em matéria de gestão de água. E com pouca ou nenhuma transparência. Apenas para exemplo, quem quiser folhear a descrição de um programa de US\$ 143 milhões (isso mesmo, em dólares) com empréstimo do Banco Mundial no valor de US\$ 107 milhões de dólares, pode se divertir. Trata-se da [descrição de uma árvore de Natal](#), envolvendo uma multiplicidade de órgãos do governo brasileiro (talvez a tal da "base aliada") e sem que se encontre uma relação de resultados concretos... ainda que a finalização da apresentação do projeto tenha se dado em junho de 2011. Conta a lenda que no quadro do projeto foi contratada uma "Política Nacional de Reuso de Água". Ou terá sido de esgotos?

Fora isso, vale notar que o Rio de Janeiro, a tal "Cidade Olímpica", tem desde 2004, um muito bem elaborado decreto que regulamenta a retenção de água de chuva quando a houver impermeabilização de solos exatamente para evitar enchentes, assegurar a infiltração e recarga do aquífero, e abrir uma porta para o reuso dessas águas... que nunca foi levado a sério. Ou alguém aí sabe de um conjunto de shoppings, supermercados, estádios de futebol e similares que tenham feito estruturas de retenção da água de chuva na fase de construção ou reforma, como determina o [Decreto Municipal de 23.940, de 30.1.2004](#), que torna obrigatória a retenção das águas de escoamento superficial e sua potencial utilização para

reuso? É esse o Rio que se diz "cidade resiliente" ou "cidade inteligente" (*smart city*)?

Não custa lembrar que com as mudanças climáticas as chuvas tendem a ser mais concentradas no tempo e as secas mais prolongadas. Ou, como dizem os meteorologistas no mundo todo, o que era anormal já passa, aos poucos, a ser "o novo normal". Nesse quadro, estratégias para a disponibilização de reservas de água são fundamentais. A recarga dos aquíferos brasileiros é mais do que suficiente nas atuais condições climáticas. Isso não significa que continue sendo por muito tempo, em função da contaminação e da impermeabilização das áreas de recarga.